



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- Unb  
FACULDADE DE CEILÂNDIA- FCE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

AMANDA CARVALHO DA SILVA

**PERSPECTIVA DO CUIDADO DE SI DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS  
NEGRAS**

Brasília- DF

2018

AMANDA CARVALHO DA SILVA

**PERSPECTIVA DO CUIDADO DE SI DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS  
NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de  
Brasília – Faculdade de Ceilândia  
como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Terapia Ocupacional.

Brasília- DF

2018

AMANDA CARVALHO DA SILVA

**PERSPECTIVA DO CUIDADO DE SI DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS  
NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de  
Brasília – Faculdade de Ceilândia  
como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dra Josenaide Engracia dos Santos  
Orientadora

---

Professora Givânia Maria da Silva

Faculdade de Ceilândia- Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela incomparável amizade durante toda essa caminhada. Obrigada pois em todos os passos que dei, senti a Tua presença e isso me deu forças.

Minha eterna gratidão à minha professora e orientadora Josenaide Engracia dos Santos, mulher que tem minha admiração e que me proporcionou conhecimentos que vão muito além da graduação. Obrigada por cada ensinamento, guardarei todos pra sempre. Você é meu grande exemplo como profissional e como mulher negra.

Não poderia deixar de agradecer a minha mãe e a minha irmã, meus grandes amores, que nunca me deixaram perder a fé e que são o meu grande incentivo a seguir lutando para alcançar meus sonhos. Eu amo vocês!

E por fim agradeço e dedico esse trabalho a cada mulher que contribuiu com essa pesquisa, compartilhando um pouco da suas histórias comigo, me sinto honrada por ter as conhecido e lembrarei com carinho de cada uma de vocês. Obrigada pela oportunidade de ouvir relatos que me sensibilizaram como pessoa e me motivaram a seguir lutando para que um dia nossos lugares no mundo possam ser outros. Resistirei por cada uma de vocês!

“Camélias dão voltas no mundo  
Tirando as correntes dos punhos  
Não sou mais escrava do mundo  
Não sou mais refém desse mundo”  
Drik Barbosa

## RESUMO

O trabalho doméstico carrega em sua história a influência da prática escravagista do país, sustentando persistentemente a associação do negro ao trabalho manual e árduo. O caráter estigmatizante do trabalho doméstico carrega além da questão étnica racial, o sexismo. A literatura apresenta a exposição a vulnerabilidades e sofrimento presente nas vivências das trabalhadoras domésticas. Este trabalho objetiva, a partir de narrativas, compreender e conceituar a percepção de trabalhadoras domésticas negras sobre o cuidado de si, aqui entendido como um fenômeno.

**Palavras- chaves: Trabalho doméstico; Mulheres Negras; Cuidado de si.**

## **ABSTRACT**

Domestic work carries in its history the influence of the country's slavery practice, persistently sustaining the black's association with manual and arduous labor. The stigmatizing character of domestic labor carries beyond racial ethnicity, the sexism. The literature presents the exposure to vulnerabilities and suffering present in the experiences of domestic workers. This work aims, according to narratives, to understand and conceptualize the perception of black domestic workers on self-care, understood here as a phenomenon.

**Keywords: Domestic work; Black Women; Self-care.**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
3. OBJETIVOS.....	13
3.1 OBJETIVO GERAL.....	13
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	13
4. MATERIAL E MÉTODO.....	14
5. ASPECTOS ÉTICOS.....	18
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
6.1 Caracterização.....	19
6.2 Condições de saúde e sofrimento.....	19
6.3 Exploração do trabalho infantil no contexto doméstico.....	22
6.4 Autopercepção.....	23
6.5 O lugar da mulher negra.....	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
8. REFERÊNCIAS.....	29
9. APÊNDICES.....	33
APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	33
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	34
ANEXO.....	36
ANEXO A- PARECER DO CEP.....	36

## 1. INTRODUÇÃO

A categoria de trabalhadores domésticos equivale a 6,9% da população economicamente ativa, correspondendo a 6,65 milhões de brasileiros. A ocupação é predominante, quase absolutamente, por mulheres. Sendo 93,2% dos trabalhadores domésticos do sexo feminino. Considerando essa proporção, 59,3% dessas mulheres são negras e 40,3% são brancas. (COSTA, 2007)

Este fenômeno, para IPEA (2011), está relacionado à uma herança escravista da sociedade brasileira que combinou com um cenário de desigualdade em que as mulheres negras têm menor escolaridade, maior nível de pobreza e a inserção em trabalho doméstico constitui-se numa das poucas opções de emprego. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] 2011 essa categoria ocupa aproximadamente 17% da força de trabalho ativa entre as mulheres no país, o que significa que um quinto de todas as mulheres que trabalham fora do próprio lar são empregadas domésticas e, ainda, “donas de casa” no seu próprio lar. Tendo assim, uma sobrecarga de trabalho tanto no seu ambiente de serviço quanto onde residem. São mulheres que assumem a profissão por necessidade e por falta de outras alternativas no mercado (SORATTO, 2006).

O trabalho doméstico tem sua história na prática escravagista, Davis (1988) pontua que havia condições distintas entre os escravos da senzala e os escravos que exerciam os serviços domésticos e conviviam na casa dos senhores. Os escravos domésticos, portanto, acabavam por ocupar uma condição diferenciada comparada à condição dos escravos da senzala. Segundo Kofes (2001), a escravidão dos negros no Brasil contribuiu para que se formasse a representação que associa o negro ao trabalho manual e aviltante, incluindo aqui, o trabalho doméstico.

A descrição histórica de Santos et al. (2003) apresenta que sempre houve mulheres escravas as quais eram atribuídas as tarefas domésticas como lavar, cozinhar e cuidar de crianças. Na época da colônia, as formas de organização estruturais dos engenhos e nas casas dos senhores, acabavam por permitir uma convivência de mulheres escravas e negras próxima à família dos senhores de engenho. Situação que possibilitou mais adiante o trabalho doméstico.

O trabalho doméstico era constituído das mais variadas atividades, lavadeiras, cozinheiras, babás, amas de leite, mucamas, entre outros, configurando uma estrutura social de trabalho diversificado. Algumas trabalhavam em troca de casa e comida, outras teciam relações de contrato de trabalho, pautadas na informalidade e nos laços de favor ou compadrio. Gomes (2016) relata que a atividade desenvolvida pela empregada doméstica era “de mucamas, amas de leite, costureiras, aias, pajens, cozinheiros, também cuidavam dos filhos dos senhores, transmitiam recados, serviam à mesa, recebiam as visitas”.

O trabalho doméstico teve sua referência histórica no período colonial, onde a atividade doméstica era entendida como trabalho escravo, realizado por mulheres negras. Essas mulheres se ocupam basicamente do mundo privado de seu empregador. Com a limpeza da casa, comida, filhos saudáveis, vestidos e alimentados, uma exigência que, preenche de forma intensa, a rotina diária da maior parte dessas mulheres, negras e pobres. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, o trabalho doméstico é definido: “Como trabalho realizado por uma pessoa, no âmbito de um domicílio que não seja o de sua unidade familiar, e pelo qual se recebe uma remuneração, o trabalho doméstico compreende atividades ligadas aos cuidados como serviços de limpeza, arrumação, cozinha e cuidado de vestuário, além do cuidado das crianças, idosos, pessoas com deficiência e animais, entre outras atividades” (OIT, 2011, p. 9).

A rotina diária dessas trabalhadoras domésticas são geralmente extenuante e para manter seus postos, precisam terceirizar sua vida pessoal. Essa sobrecarga pode interferir no estilo de vida dessas mulheres considerando a intersecção gênero, classe e raça e as atividades relacionadas ao cuidado de si. A carga de trabalho ao qual estão submetidas não disponibiliza o tempo e atenção necessária para o cuidado de si, necessário a todos os indivíduos e entendido como atitude intrínseca do sujeito.

A população feminina negra de trabalhadoras domésticas sofre as desigualdade de forma potencializada. A segregação racial e a exclusão é dada a categoria de trabalho que recebe pouco prestígio social. O que explica o caráter estigmatizante dos serviços domésticos, assim como a característica da exploração, a dupla jornada, o confinamento no mundo privado, a vergonha e injustiça. Acrescido da questão étnica racial. Situação que implica muitas vezes em sofrimento para essas trabalhadoras que necessitam de cuidado.

Entendendo o cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Para Heidegger, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude ou situação do ser humano. Também pode ser compreendido com uma constituição ontológica, essencial a estrutura prática do ser humano (BOFF, 1999).

No trabalho doméstico, o cuidado se faz para o outro. A disposição de tempo, a atenção, a preocupação e responsabilidade se coloca como requisito para o serviço, mesmo que seja algo intrínseco em nós, é conceituado como habilidade necessária para o cargo. O cuidado depositado no outro, no lar do outro, nos objetos do outro é a qualificação requisitada.

Então o “cuidado de si” se trata de uma devolução, primeiramente um “retorno para si”, um “retorno para o outro” e finalmente “para o mundo”. O cuidado corresponde a uma atitude subjetiva e precisa ser entendida também como um fenômeno (GALVÃO, 2014). O estudo em questão pretende compreender o cuidado na perspectiva de trabalhadoras domésticas negras.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O trabalho doméstico é uma atividade que foi negligenciada e sofreu uma latente invisibilidade jurídica, ou seja, foi somente em 1916, por meio da Lei 3.071, do Código Civil de 1916, que começaram a surgir normas que poderiam ser direcionadas às empregadas domésticas. Posteriormente, surgiu o Decreto nº 16.107 de 30 de julho de 1923 que aprovou o regulamento de locação de serviços domésticos (CHAGAS, 2013, p. 5).

É importante ressaltar que, em 1932, sobre forte movimentação das trabalhadoras domésticas e com o surgimento de associações, que tinham como objetivo defender os direitos trabalhistas das relações entre empregadas e patrões, surgiu a Associação dos Empregados Domésticos de Santos, fundada por Laudelina de Campos Melo e criada para ser um Sindicato (PEREIRA, 2012, p. 4), associação importante por promover o cuidado das trabalhadoras domésticas por meio de direitos e orientações.

Para Bernardino (2010), essas trabalhadoras domésticas na sua maioria do sexo feminino em todas as regiões do país, variando entre 91,9% na região norte e 93,7% na região sul, chegando à média nacional de 93,2%. Porém, o que chama a atenção quando adicionamos a variável racial é a predominância de mulheres negras nesta ocupação: 59,3% das mulheres ocupadas no serviço doméstico são negras. E, na sua maioria vivem em situação de exclusão social.

Em Histórias de Resistência de Mulheres Negras (Meneghel, 2005) é levantado um contexto histórico que entrelaça gênero, classe social e raça. E colocam as mulheres negras em uma situação de desigualdade socioeconômica e sua escala racial. E reafirma que para as mulheres negras as desigualdades são potencializadas pelas diversas formas de discriminações que as mesmas sofrem, reforçando a exclusão desse grupo (MENEGHEL, 2005).

Outro estudo, O Processo Saúde/Doença das Empregadas Domésticas: Gênero, Trabalho e Sofrimento (Tamanini, 2000) procura descrever a situação das trabalhadoras domésticas e explicar os níveis de interação entre gênero, trabalho e saúde. Patenteando a relação entre a carga de trabalho e os desgastes físicos e psíquicos sofridos entre as trabalhadoras domésticas. A relevância do trabalho se dá na perspectiva da interligação do trabalho e as questões de saúde afetadas (TAMANINI, 2000).

No estudo A Condição Para Quem Nasce Negra e Mulher é Ser Doméstica?: Desigualdade Entre Mulheres Brancas e Negras no Trabalho Doméstico (De Faria, 2014), é traçado um recorte sobre o perfil de mulheres no trabalho doméstico. Detalhando o perfil dessa ocupação que é traçado particularmente por mulheres negras e sem escolaridade ou qualificação profissional. Esse fenômeno se relaciona com o histórico da sociedade brasileira, que construiu um cenário de desigualdade onde as mulheres negras têm menor escolaridade e maior nível de pobreza.

O estudo também traz a perspectiva das mulheres negras e jovens que migram para morar na casa das famílias as quais prestaram os serviços. Observou-se que nessa relação existe maior vulnerabilidade e sofrimento. Esse formato de trabalho colabora com a exploração, relacionada a carga de trabalho, aumenta a dependência afetiva e financeira, dificulta a proteção por leis e exclui a trabalhadora de criar e manter relações externas ao ambiente de trabalho. Impossibilitando uma rotina de vida saudável em seus papéis ocupacionais para que as trabalhadora domésticas possam se cuidar (DE FARIA, 2014).

O trabalho De Escravas a Empregadas Domésticas - A Dimensão Social e o Lugar das Mulheres Negras no Pós-abolição (Pereira, 2011), discute a relação entre a abolição e o trabalho doméstico. Com o fim da escravidão, novos arranjos sociais se consolidam. Porém a ex-escrava não tinha outra opção a não ser permanecer na casa de seus ex-senhores exercendo a mesma função, cuidando da família patriarcal. Os meios de inserção da mulher negra no trabalho continuam a se caracterizar por atividades precárias e de baixo prestígio social. Por fim, o trabalho propõem que essas mulheres deixaram de ser *escravas domésticas* e passaram a ser *empregadas domésticas*.

### **3.OBJETIVOS**

#### **Geral:**

Compreender o cuidado de si na perspectiva de trabalhadoras domésticas negras.

#### **Específicos:**

- Nomear o cuidado de si na perspectiva das trabalhadoras domésticas negras.
- Descrever o cuidado de si na perspectiva das trabalhadoras domésticas negras.
- Explicar o cuidado de si na perspectiva das trabalhadoras domésticas negras.

#### 4. MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado na pesquisa foi qualitativo, que busca explorar significados que indivíduos ou grupos atribuem a um problema. E de uma forma indutiva analisar e interpretar os dados (CRESWELL, 2010). A pesquisa qualitativa compreende a inter-relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Interpreta os fenômenos e atribui significado aos mesmos (GIL, 1991).

Trata-se de um trabalho em ciências sociais da saúde, que permite a aproximação com as vivências e subjetividades sem necessariamente proporcionar respostas objetivas, mas reflexões sobre os modos em que contextos sociais constroem singularidades, em especial de trabalhadoras domésticas negras. O método utilizado foi biográfico. Segundo Goldenberg (1997), consiste em uma profunda análise acerca das influências do contexto social e histórico sob as singularidades das trabalhadoras domésticas. A biografia nos permite analisar o universal, já que as histórias são construídas de acordo com tempos, lugares, culturas e influências diversas.

Para Garro (1994), quando os indivíduos falam de suas experiências, eles utilizam a memória autobiográfica, que pode ser compreendida não como reprodução de eventos passados mas como reconstruções congruentes à compreensão atual; o presente é explicado, tendo como referência o passado reconstruído e ambos são utilizados para gerar expectativas sobre o futuro. Como dizia Ferrarotti (1988), a utilização das práticas autobiográficas nos processos de investigação, transporta um ato de narração. Uma ação de relatar a experiência vivida como construção do seu sentido. Emerge como um reflexo do mundo experienciado.

As participantes foram trabalhadoras domésticas do Distrito Federal, que se autodeclararam como negras, da região de Brasília. Maiores de 18 anos e que exerceram por mais de um ano o trabalho doméstico. O recrutamento dos participantes foi realizado pelas pesquisadoras por meio de contato individual. A coleta foi realizada de setembro a outubro de 2018, em local privado marcado com antecedência para garantir a privacidade dos participantes.

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista autobiográfica, buscamos direcionar o discurso do entrevistado em alguns aspectos e favorecer a condução da interação entre pesquisador e pesquisado. A partir de um breve roteiro e da interlocução com os entrevistados

obtivemos respostas sobre os seguintes aspectos: um para a identificação dos entrevistados e outro, para as questões norteadoras. Durante a entrevista, as perguntas visavam a provocar o diálogo. Para se obter uma narrativa natural, muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas levar o pesquisado a lembrar parte de sua vida. Para tanto, o pesquisador pode muito bem ir provocando sua memória (BOURDIEU, 2002).

A entrevista materializa, por meio da linguagem, a experiência do indivíduo, que é, um instrumento ou ferramenta psicológica pela qual estabelecemos diferentes relações com os que nos cercam e produzimos sentido para nossas circunstâncias, possibilitando a comunicação desse sentido (PINHEIRO, 2004).

A análise de dados foi realizada por meio da transcrição das entrevistas em sua totalidade e submetidas à análise reconstrutiva e sequencial. A análise reconstrutiva significa que o objetivo da reconstrução é decodificar tanto o significado da experiência biográfica vivida no passado quanto o significado da apresentação realizada no presente Rosenthal(1998). A análise é uma combinação da abordagem diacrônica com uma abordagem sincrônica. A sequencialidade pode ser percebida não apenas na utilização em ordem cronológica dos eventos vivenciados.

Para Rosenthal (1995, p. 65), dedica-se aos dados que podem ser vistos como razoavelmente independentes da interpretação do entrevistado sobre sua própria vida. A partir dos dados biográficos vivenciados pelo entrevistado, procede-se à formulação de hipóteses sobre as possíveis implicações de cada um desses acontecimentos, traçando assim trajetórias plausíveis para os entrevistados. Procedendo desta maneira, evidenciam-se as escolhas possíveis no horizonte das entrevistadas e o percurso vivenciado ao longo da vida, descartando-se a intenção de determinismo na trajetória de vida.

Ao final, procede-se à reconstrução biográfica, distinguindo-se e confrontando o interesse de apresentação do entrevistado (vida narrada) com a interpretação do percurso de vida do entrevistado (vida vivenciada), ampliando-se, as possibilidades de compreensão da percepção social dos eventos e a interpretação individual da própria biografia.

Cada leitura revela novos conteúdos, então, foi realizado um agrupamento em torno dos temas que emergiram nas conversas. Por meio da técnica foram destacadas dos

depoimentos as partes grifadas e foram reagrupadas de acordo com uma categoria, apresentando a interpretação do sentido atribuído obtido, articulado a aporte teórico.

Para identificar e manter o anonimato das participantes da pesquisa, foram escolhidas personalidades que não só fizeram parte da história como também estão atualmente contribuindo para a representatividade das mulheres negras. São ativistas, cientistas e artistas influentes que representam uma perspectiva do papel da mulher negra na sociedade ainda distante da nossa realidade, sustentada pelas desigualdades, mas que nos dão força para alcançar lugares que também são nossos. As personalidades escolhidas foram:

### **Mãe Jamison**

Nascida em Decatur, no Alabama, em 1956, Mae Jemison passou a maior parte da juventude em Chicago. Após cursar a Universidade de Stanford na Califórnia e formar-se pela Faculdade de Medicina Cornell em Nova York, Mae Jemison tornou-se funcionária médica do Corpo da Paz e trabalhou na Libéria e em Serra Leoa por dois anos. Participou da missão STS-47 como especialista de missão a bordo do ônibus espacial Endeavour. E em 1992 se tornou a primeira astronauta negra a ir ao espaço.

### **Marielle Franco**

Marielle Francisco da Silva, (Rio de Janeiro, 27 de julho de 1979 – Rio de Janeiro, 14 de março de 2018), foi uma socióloga, política, feminista e defensora dos direitos humanos brasileira. Elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, durante a eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Crítica da intervenção federal no Rio de Janeiro e da Polícia Militar, denunciava constantemente abusos de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades. Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no Estácio, Região Central do Rio de Janeiro.

### **Oprah**

Oprah Winfrey (Kosciusko, 29 de janeiro de 1954) é uma apresentadora de televisão, psicóloga, atriz e empresária norte-americana, vencedora de múltiplos prêmios por seu programa *The Oprah Winfrey Show*, o Talk show com maior audiência da história da televisão norte-americana. Foi a apresentadora mais bem paga da história da televisão estadunidense, ganhando cerca de 50 milhões de dólares por mês com todas as suas incumbências profissionais.

### **Octavia Spencer**

Octavia Spencer (Montgomery, Estados Unidos, 25 de maio de 1970) ela é a sexta de sete filhos. Sua mãe trabalhava como empregada doméstica. Spencer se formou em Jefferson Davis High School, em 1988, passou dois anos em Auburn Montgomery onde estudou teatro (1988-1989), e recebeu um grau de bacharel em Artes Liberais da Universidade de Auburn.

Estreou no cinema em 1996. Em 2012 foi indicada ao Globo de Ouro e o Oscar de melhor atriz coadjuvante, por seu desempenho no filme *The Help*. Em 2017 foi novamente indicada ao Oscar de melhor atriz coadjuvante pelo filme *Estrelas Além do Tempo*. Em 2018 se tornou a segunda atriz negra da história a ser indicada três vezes ao Oscar e a primeira atriz negra da história a ser indicada ao Oscar por dois anos consecutivos.

### **Nina Simone**

Eunice Kathleen Waymon (Tryon, 21 de fevereiro de 1933 – Carry-le-Rouet, 21 de abril de 2003), conhecida artisticamente como Nina Simone foi uma pianista, cantora, compositora e ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos. É bastante conhecida nos meios musicais do jazz, mas trabalhou com diversos estilos musicais na vida. No álbum *Nina Simone in Concert*, pela primeira vez Simone refere-se as desigualdades vividas nos Estados Unidos, com a canção *Mississippi Goddamn*; sua resposta ao assassinato de Medgar Evers e a explosão de uma igreja em Birmingham, Alabama, que matou quatro crianças negras. Desde então, uma mensagem de direitos civis passou a fazer parte dos repertórios de gravação de Simone, tornando-se parte das duas apresentações. Simone apresentou-se e

discursou em muitos encontros pelos direitos civis, incluindo nas marchas de Selma a Montgomery.

## **5. ASPECTOS ÉTICOS**

A pesquisa obedeceu às normas e diretrizes que regulamentam a pesquisa que envolve seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466, de 12 Dezembro de 2012. As participações dos sujeitos foram voluntárias tendo como critério a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). As entrevistas asseguraram: a confidencialidade das informações geradas, a privacidade do sujeito, proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e das instituições, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos aos envolvidos. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa do Instituto de Ciências Humanas. CAAE: 93576518.1.0000.5540. Número do Parecer: 2.927.031

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1 Caracterização das mulheres

Foram entrevistadas cinco mulheres residentes de Brasília, DF. Sendo duas moradoras da região administrativa de Ceilândia, uma de Taguatinga, uma da Estrutural e uma do Plano Piloto. Entre essas, duas atualmente prestam serviços domésticos e outras três já exerceram a profissão por alguns anos. Em sua maioria prestaram serviços na região administrativa do Plano Piloto. Com faixa etária de 29 a 56 anos, a maioria com educação básica até o ensino fundamental, exceto uma entrevistada que possui nível superior completo. A partir da leitura e análise das entrevistas, pode-se caracterizar o autoconceito de autocuidado e compreender fenômenos que interagem com essa conceituação a partir das experiências relatadas.

### 6.2 Condições de saúde e sofrimento

No plano concreto, sofrimento significa doença física a exemplo de dores nas costas, cabeça e outros. No plano abstrato, se alia aos aspectos psíquicos relacionado com a experiência de humilhação, de não saber e não ser cuidada. Neste sentido, o discurso sobre o sofrimento evoca também a humilhação despertando emoções negativas (Tamanin, 2000).

“Eu sofri tanto que hoje que eu ando um pouco mais ereta né?! Porque na época que tava nascendo meus seios ficavam falando que eu tinha seios de vaca e pra esconder os seios eu ficava curvada, pra não aparecer. Aí como é que cuida da gente se as pessoas nunca explicam nada pra você. O dia que eu fiquei menstruada e fui dizer que tava saindo sangue de mim, passaram quase um ano rindo de mim sem me explicar o que era. Todo mundo... Não eram só as mulheres, os meninos também. Porque não explicam mas passavam como gozação, né?! Eu tava lembrando disso e pensando: Nossa... Então como é que você tem cuidado com você.” (Mãe Jamison)

O trabalho doméstico de crianças e adolescentes ocorre quando a família vive em situação de pobreza e busca melhor condição de vida, entretanto, o serviço doméstico no geral é pautado em violências verbais, psicológicas a exemplo da humilhação, desprezo, desamparo e muitas vezes abuso. As situações de sofrimento dessas mulheres se inscreve e se baseia nos

aspectos subjetivos da experiência, enquanto que as doenças são identificadas a partir de suas narrativas, descritoras de sinais físicos (Ibidem, 2000).

Estar doente, na narrativa da entrevistada, apresenta-se como um aspecto incapacitador quando associado ao trabalho doméstico. O que podemos perceber que existe uma demora para procurar o médico. Para Tamanin (2000) nesse caso, refere-se ao biológico e a necessidade premente de procurar o médico.

“Na realidade eu tomei consciência que eu tenho que cuidar melhor de mim há pouco tempo, porque é... Eu nunca pratiquei atividades físicas. E chegou um ponto que minha coluna acabou, tive crises horríveis da coluna e aí comecei a fazer tratamento no Sara e lá que eu me conscientizei que eu tenho que cuidar do meu corpo como eu cuido do resto, da minha família, como cuido da minha casa, pra mim manter de pé porque se eu não cuido dessa parte também... que foi uma experiência horrível. Eu não conseguia nem levantar, cheguei ao ponto de não conseguir nem levantar da cama ...” (Marielle Franco).

Como sinalizam Boltanski (1979) e Dejours (1987), a doença tende a ser percebida quando há uma incapacitação de performance social, representada principalmente pela incapacidade física de trabalhar. Essa incapacidade é assumida, contudo, muito mais como limite do que como ruptura.

O conceito de carga de trabalho possibilita uma análise do processo de trabalho que extrai e sintetiza os elementos que determinam o nexo de condições de saúde do corpo da trabalhadora. Decorrente das sobrecargas que se convertem numa ruptura de continuidade instantânea do corpo. A doença, ainda associada as palavras passar mal e sentir dor, e não necessariamente estar ausente do trabalho. Adquire uma conotação nitidamente econômica quando a consciência das desigualdades sociais se expressa.

“Eu acho que empregada doméstica só vai no hospital mesmo quando tá doente de verdade. Eu acho que é eu conheci mulheres que de vinte a tantos anos de doméstica, dez anos de doméstica, eu conheci muitas que não conseguiam, tava com problema de coluna. Eu nunca tive nenhum problema de saúde, mas eu não tinha porquê... só se eu ficasse doente de verdade, de verdade mesmo pra mim procurar uma consulta médica, só se eu visse assim que não tinha mais como nem ir trabalhar. Tanto que eu já fui trabalhar com dor de dente, eles não aceitavam, quando você é doméstica você tem que viver para as pessoas. Então você não tem tempo nem mesmo de ir fazer uma consulta, você não tem tempo pra você. A maioria não tem tempo de ir fazer uma consulta é... Principalmente quando tem uma criança dentro da residência, você tem que tá ali pra dar o lanche da criança, o café da manhã

dela. Agora consulta, a gente que é da classe... assim, eu sou pobre, não tem condições de pagar uma consulta no particular, então o posto de saúde de toda cidades, eles funcionam de manhã e o horário que você tá trabalhando é a hora que o posto tá funcionando, então você deixa pra depois, você vai empurrando, deixando pra depois esse negócio de saúde aí é só quando a doméstica não aguenta mesmo. Conheci muita gente que ficou doente porque preferiu dar prioridade aos patrões do que a cuidar dela mesma.” (Octavia Spencer).

Estar doente é incompatível com a demanda das tarefas e com a conduta social exigida da empregada. A análise dos dados indicou que a noção de saúde tem a ver com a capacidade de sufocar os sinais de dor física ou moral, a fim de que possam estar em condições de cumprir as obrigações de trabalho, das quais depende sua sobrevivência. A valorização da força física para BOLTANSKI (1989), é correlativa ao uso instrumental do corpo, fazendo com que a doença seja percebida como um entrave à atividade física e ocasione, essencialmente, um sentimento de fraqueza.

### 6.3 Exploração do trabalho infantil no contexto doméstico

No início do tráfico no Brasil, as crianças não garantiam lucro de imediato, esperava-se atingir os dezesseis anos para que rende-se lucro com o trabalho nas lavouras, diferente das meninas negras, que podiam trabalhar muito antes nas casas dos senhores. Perdurando o mesmo contexto, o trabalho se insere na vida dessas mulheres desde muito cedo. A exploração infantil nega a essas mulheres o direito de ser criança, de estudar, brincar e vivenciar experiências comuns para a idade (Giacomini, 1988).

As falas de Nina Simone evidenciam esse contexto da exploração e privação da infância:

“...Cozinhava, lavava, passava, cuidar de criança, deixar criança no colégio. Um criança cuidando de outras. Eu lembro que eu trabalhei numa casa de família, que eu com 11, de 11 pra 12 anos, eu cuidava de gente com 16 anos. Então eu era uma criança cuidando de outra crianças e até de adulto... [...] E aí quando eu fiz 10 anos eu fui pra uma cidadezinha próxima da fazenda. Aí comecei a trabalhar de babá e trabalhei lá até os 17” (Nina Simone).

No Brasil crianças e adolescentes compõem 94% do serviço doméstico, sendo 73% delas negras. Essa realidade nos retrata mais uma esfera do processo de desigualdade. As narrativas trazem vivências de famílias com condições socioeconômicas frágeis, em que as meninas ao atingirem uma certa idade precisavam ir à procura de um emprego como uma forma de contribuir na renda familiar ou se tornarem mais independentes, antes mesmo de se tornarem capazes de assumir tamanha responsabilidade (FNPETI, 2013).

“Trabalhava em casa de família pra poder ajudar minha mãe dentro de casa né?! Faltava as coisas e a gente tinha que trabalhar, a gente foi criado assim. A gente não tinha tempo pra estudar, não tinha tempo pra brincar, nem pra nada. Nossa vida foi trabalhando duro desde cedo” (Nina Simone).

O cotidiano do trabalho doméstico viola direitos fundamentais como educação, saúde e profissionalização, impede a convivência da criança com sua família e sua comunidade e

submete as crianças e adolescentes ao poder e domínio de um ambiente privado, propício à violação dos direitos à liberdade, ao respeito e à dignidade (Castanha 2002, p.09).

“Você não vai dar conta de trabalhar pra mim” aí eu disse que ia tentar. Aí ela falou “Ah então vamos fazer uma experiência né de uma semana pra ver se você dá conta.”  
Aí eu peguei e comecei, só que assim eu comecei a trabalhar com 12 anos de idade, então se ela achou que eu não ia dar conta, eu ia dar conta” (Octavia Spencer).

Mae Jemison diz que: “Aí o que eles falaram pra mim.. Eu fui tomar conta de um menino de 15 anos e eu tinha 8, fui tomar conta dele”. Santos (2016), Brasil registra longa história de exploração de crianças e adolescentes, meninas e meninos pobres, negros, incorporados ao trabalho precocemente. Rizzini (2004, p.376), sucintamente, retrata esse quadro, afirmando: As crianças pobres sempre trabalharam. Para quem? Para seus donos, no caso das crianças escravas da Colônia e do Império; para os “capitalistas” do início da industrialização, como ocorreu com as crianças órfãs, abandonadas ou desvalidas a partir do final do século XIX; nas casas de família, para manterem a si e as suas famílias.

#### **6.4 Autopercepção**

Vivendo uma infância sem representatividade, regida por obrigações e papéis que precisavam ser assumidos desde cedo, essas mulheres carregam feridas marcadas pelo racismo, machismo e sexismo. Sem condições para olhar ou pensar em si mesmas, a auto percepção é uma questão subsidiária. Os conceitos de auto percepção são diretamente influenciada pelos referenciais de beleza eurocêntrico, destruição das crenças e culturas nos quais as mulheres negras não estão representadas.

O “padrão estético” culturalmente aceito está muito distante da realidade dessas mulheres. Seus traços, cabelos e sua estética em um todo, não se encaixam em um conceito de beleza socialmente aceito. Isso vem refletindo de uma forma pouco sutil na autoestima dessas mulheres (Pereira, 2017).

“Doméstica não pode ter um cabelo bonito, tem que ter cabelo branco, não pode fazer a sobrancelha, tem que tá feia, não pode ir pro trabalho de salto. Tem que ir o mais simples possível, pra que ela tem que ir bonita? Ela é doméstica, entendeu?! Eu tinha vergonha as vezes de me arrumar antes de ir pra parada, porque olha a cabeça né (risos) a gente fica tanto com isso, que a gente acha que tem que pegar aquilo ali pra você mesmo, pelo fato de ser doméstica. Com você via uma arrumada você até estranhava “nossa olha só, mas essa menina é doméstica né, como ela se arruma desse jeito”. Eu acho que nosso pensamento ele vai se envolvendo, você acha que você não tem quer ser bonita, não tem que se arrumar. Não pode ter uma roupa boa porque você é doméstica. ” (Octavia Spencer).

A situação de vulnerabilidade social somada a desvalorização cultural acerca do trabalho doméstico reforçam que as questões ligadas ao autocuidado, aqui com ênfase no cuidado corpóreo, devem ser terceirizadas. Alguns relatos nos trazem a perspectiva da sobrecarga de trabalho, da precariedade socioeconômica e até do estereótipo que serviço doméstico carrega e que é perpetuado socialmente. Relatos que trazem uma história de constantes reafirmação do lugar que a trabalhadora doméstica ocupa na sociedade, que precisa ser evidenciado também na sua imagem.

“Nossa quando a D<sup>o</sup> me chamava pra ir no mercado e eu tinha que ir com aquele uniforme... Dois dos lugares que eu trabalhei tinha uniforme, você não pode nem trabalhar com a roupa que você quer, tem que ser com a roupa que o patrão quer” (Octavia Spencer).

A condição das trabalhadoras domésticas está associada a condição étnica e à posição de gênero, pois é uma atividade exercida pelas mulheres negras. Para Silva et al (2017), além disso, o trabalho doméstico não é considerado uma atividade produtiva para a qual se necessite uma formação técnica específica. A rotina do trabalho doméstico é marcada por um ciclo interminável de fazer, desfazer e refazer, no interior das casas, e tomada como natural e própria das mulheres, e tudo isso contribui para a invisibilidade tanto deste trabalho, quanto de suas trabalhadoras.

“.. Como você vai fazer uma unha, se você vai tá na casa dos outros no outro dia, como você vai escovar o cabelo se no outro dia você vai ter que lavar aquilo tudo, aquele tanto de banheiro. Eu não tinha... “ah, pra que vou fazer isso?” gastar meu dinheiro, pra no outro dia tá na casa dos outros, com cheiro de gordura e não sei o que. Então tem muito isso, você perde sua vaidade. Acho isso besteira, gastar dinheiro e estragar no outro dia” (Octavia Spencer).

“...Como que a gente tem cuidado com a gente mesma se a gente só usa roupa velha e ainda acha lindo, porque você não tem dinheiro pra comprar. Você sonha com um perfume, você sonha com um sabonete melhor, você sonha com um creme pro seu cabelo. Então meu cabelo era comum, eu mesma que fazia os pitoco no meu cabelo, né... porque não tinha dinheiro pra cuidar do meu cabelo” (Mãe Jamison).

Para Silva et al (2017) a humilhação se faz visível nos elementos que designam a “condição” de doméstica: o modo de se vestir, o quarto de dormir, até mesmo a linguagem, além das relações de dependência e submissão. O ressentimento e a humilhação constituem o dado primeiro da existência concreta das empregadas domésticas.

## 6.5 O lugar da mulher negra

Em meados do século XIX, o negro apesar de não ocupar uma posição favorável, detinha um lugar central no sistema econômico. Como escravo, sustentava a economia primário-exportadora e haviam também os chamados “negros de ganho” que ofereciam os seus serviços pelas ruas, trabalho tal que também representava uma ganho complementar para as famílias de classe média urbana da época. A mulher negra nesse contexto já estava inserida no serviço taxado como doméstico. No mesmo século, movimentos históricos como a “abolição da escravatura” e o processo de imigração acompanhado do branqueamento racial colocavam o negro fora do mercado de trabalho, perpetuando uma realidade de pobreza e miséria. O negro é obrigado a procurar espaços em trabalhos precários.

Atualmente, o negro não se emancipa no processo profissionalizante. O trabalho traz nas narrativas referências a escravidão (Theodoro, 2008). A história do surgimento da categoria de empregada doméstica está refletida no cotidiano dessas trabalhadoras, que evoca traços do passado escravagista.

“Não foi uma experiência boa não, lá era tipo escravidão, você trabalhar o dia todo pra ganhar 25 reais, tinha dia que eu saía de lá 20h da noite” (Octavia Spencer).

“Ah, eu fazia de tudo, de cozinhar, de lavar de passar tipo escravidão, chegar e ser a dona da casa, cuidar de criança e cuidar de tudo”(Mãe Jamison).

“Os dois meses que eu vivi pra ela eu não tinha mais vida, porque eu tinha que acordar muito cedo pra tá lá 8h da manhã, se não meu celular não parava de tocar, se eu chegasse 8h10 minha vida virava um inferno com medo de eu não ir, não sei o que era” (Octavia Spencer).

Culturalmente são criadas justificativas de caráter biológico, social e até moral para inferiorizar as mulheres negras e mantê-las no papel proposto, mão de obra de uma economia duradoura escravista. As narrativas de Octavia Spencer e Mãe Jamison carregam um questionamento sobre essa realidade ainda presente no nosso país (Pereira, 2017).

“O raciocínio do brasileiro ainda é muito defasado, nesse aspecto de que a negra que tem que ter o serviço mais ruim, a negra tem que ser doméstica, auxiliar de serviços gerais, tem que ser catadora né, porque é negra... Aqui no

Brasil ainda tem isso, de que a sua cor tem que dizer onde você tem que trabalhar, sobre sua função” (Octavia Spencer).

A capacidade da mulher negra é frequentemente colocada em provação. Nas entrevistas, surge o relato sobre um questionamento feito sobre a capacidade intelectual de uma das entrevistadas. A pretensão de assumir outros papéis é problematizada e carrega um fala de desconforto e racismo. A mulher negra, portanto, está sujeita a um único posto (Pereira, 2017).

“Quando eu passei no vestibular eu ainda era humilhada, porque falavam assim: que não sabiam porque eu gostava de estudar tanto, ler tanto se a única coisa que preta ia ser na vida era empregada doméstica” (Mãe Jamison).

“Pode fazer uma entrevista de emprego, pode ir uma negra e o resto tudo branca, ela vai contratar a negra. Porque ela acha que a negra que tem quer ser empregada dela né” (Octavia Spencer).

Le Guillant (2006) afirma que a condição de empregada doméstica está na origem do ressentimento e da humilhação, pois sua atividade a coloca em um lugar social desqualificado, sujeito a uma relação de abusiva por conta dos patrões devido principalmente a negritude da mulher. Essa experiência vivida como empregada doméstica deixa marcas evidentes na construção de sua subjetividade, construída no contato conflitante com os empregadores

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, vimos que, para compreender o cuidado na perspectiva da trabalhadora doméstica, é importante discutir sobre estrutura escravagista, racista e sexista do estado, a pobreza que atravessa a vida dessas trabalhadoras desde a primeira infância, as relações de poder que essa profissão imprime, o componente da humilhação vergonha e descuido vivenciado no dia-a-dia. Nesse contexto, a mulher negra passa de escrava doméstica para empregada doméstica. Relata sofrimento e falta de cuidado consigo próprio em detrimento da questão econômica ou melhor, de sobrevivência. Sofre abusos em espaço privado pelo poder do patrão, antigo senhor do engenho, pela patroa, a sinhá, e pelos filhos.

O trabalho doméstico demasiadamente desvalorizado cria um perspectiva de constante humilhação que causa danos a integralidade física, psíquica e social dessas mulheres. Todavia, o cuidado com os patrões está acima das suas necessidades, pois o sentido e manutenção do emprego e meio de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Mulher negra no mercado de trabalho**. Estudos feministas, v. 3, n. 2, p. 479, 1995.

BERNARDINO COSTA, Joaze. **Migração, trabalho doméstico e afeto**. Cadernos pagu, n. 39, p. 447-459, 2012.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro : Graal, 1989.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. In: AMADO J. FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BUB, Maria Bettina Camargo et al. **A noção de cuidado de si mesmo e o conceito de autocuidado na enfermagem**. Texto Contexto Enferm, v. 15, p. 152-7, 2006.

CASTANHA, Neide. **Políticas sociais e oferta institucional frente o trabalho infantil doméstico no Brasil**. Brasília: OIT, 2002. Disponível em: . Acesso em: 25 nov .2018.

CHAGAS, Sylvia Oliveira. **Evolução do direito trabalhista do Empregado doméstico de 1916 a 2013 – PEC das domésticas**. Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 17, p. 63-76, 2013.

COSTA, Joaze Bernardino. **Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil: teorias da descolonização e saberes subalternos**. Sociedade e Estado, v. 22, n. 1, 2007.

DE ALMEIDA, Lady Christina. **PROTAGONISMO E AUTONOMIA DE MULHERES NEGRAS, A EXPERIÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES: GELEDÉS E CRIOLA**.

DE FARIA, Guélmer Júnior Almeida; FERREIRA, Maria da Luz Alves; COUTINHO, Caroline Marci Fagundes. **“A condição para quem nasce negra e mulher é ser doméstica?”: desigualdade entre mulheres brancas e negras no trabalho doméstico.** PerCursos, v. 15, n. 28, p. 354-375, 2014.

DE JESUS SILVA, Irene et al. **Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 43, n. 3, 2009.

DOS SANTOS, Joelma Trajano. **Trabalho infantil no espaço doméstico: exploração oculta.**

Ferrarotti, Franco. **Sobre a Autonomia do Método Biográfico.** In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O Método (auto)Biográfico e a Formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. P. 17-34.

FOUCAULT, Michel. **La ética del cuidado de uno mismo como práctica de la libertad.** Hermenéutica del sujeto, v. 107, 1984.

GARRO LC. **Narrative representations of chronic illness experience: cultural models of illness, mind and body in stories concerning the temporomandibular joint.** Soc Sci Med 1994; 38(6): 775-88

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil.** Vozes, 1988.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1997 p.107

HOOKS, Bell. **Não sou eu mulher negra: Mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro: Plataforma Gueto, 2014. 139 p.

LE GUILLANT, L. **Incidências psicopatológicas da condição de “empregada doméstica”**. Escritos de Louis Le Guillant: da ergoterapia a psicopatologia do trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARCONDES, Mariana Mazzini et al. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. 2013.

MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga; RAMÃO, Silvia Regina. **Histórias de resistência de mulheres negras**. Revista Estudos Feministas, v. 13, n. 3, 2005.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Mazza Edições, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora paz e terra, 1978. 183 p.

OIT. **Trabalho doméstico ocorre na Conferência Internacional do Trabalho de 2010**. Disponível em [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms\\_360793.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_360793.pdf) OIT. Acessado em 08/07/2018.

PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas-A dimensão social e o “lugar” das mulheres negras no pós-abolição**. XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH, v. 50, 2011.

PEREIRA, Lília Campos; RAMALHO, Viviane. **A construção da identidade da mulher negra no Brasil**. Comunicaciones en humanidades, n. 2, p. 34-49, 2017.

PINHEIRO, O. G. **Entrevista: uma prática discursiva**. In: **Práticas e produção de sentidos no cotidiano – aproximação teórica e metodológicas**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSENTHAL, Gabriele. **Die Kinder des" Dritten Reiches": Sozialisiert im familialen Rechtfertigungsdialog**. Hamburger Ed., 1998.

ROSENTHAL, Gabriele. **Erlebte und erzählte Lebensgeschichte: Gestalt und Struktur biographischer Selbstbeschreibungen**. Frankfurt: Campus Verlag, 1995.

SORATTO, Lúcia Helena. **Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas**. 2006.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. **A mulher e sua posição na sociedade: Da antiguidade aos dias atuais**. Revista da SBPH, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005.~

TAMANINI, Marlene. **O processo saúde/doença das empregadas domésticas: gênero, trabalho e sofrimento**. Revista de Ciências Humanas, n. 3, p. 49-69, 2000.

THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, p. 69-99, 2008.

SILVA, Christiane Leolina Lara et al. **O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade**. Psicologia em Revista, v. 23, n. 1, p. 454-470, 2017.

## APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- FACULDADE DE CEILÂNDIA

### A PERSPECTIVA DO CUIDADO DE SI DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS

AMANDA CARVALHO DA SILVA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome:

Idade:

Atual profissão:

#### ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1- Pode me falar um pouco sobre sua história? (Onde nasceu, família, relacionamentos, onde mora, profissão, etc)
- 2- O que você entende como cuidado?
- 3- O que significa autocuidado pra você?
- 4- Dentro do seu cotidiano o que você faz que pode dizer que está se cuidando?

## APÊNDICE B



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Lhe convido a participar voluntariamente do projeto: **A perspectiva do cuidado de si para trabalhadoras domésticas negras**, sob a responsabilidade da pesquisadora Josenaide Engracia do Santos. O projeto se trata da percepção do cuidado de si dentro das narrativas de trabalhadoras domésticas negras, residentes de Brasília, compreendendo, nomeando e descrevendo esse fenômeno.

O objetivo dessa pesquisa é proporcionar a essas mulheres, a percepção e discussão acerca do tema. Serão proporcionados os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa. Asseguramos a omissão de sua identidade, preservando o seu nome e outras informações que possam identificá-la.

A sua participação acontecerá por meio de entrevista, que será gravada. A entrevista ocorrerá em apenas um encontro, no local e horário marcado e com tempo estimado de no máximo quarenta minutos.

Os riscos decorrentes de sua participação podem se manifestar em desconforto pelo tempo exigido para realização da entrevista ou pelo teor dos questionamentos. Os assunto podem provocar constrangimentos, invasão de privacidade, receios e emoções intensas. A forma de minimizá-los será por meio da compreensão e suporte prévio dos pesquisadores. Assim como serão revisadas criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo ao participante. Aceitando participar dessa pesquisa, estará contribuindo para a visibilidade e compreensão do fenômeno estudado, os dados coletados podem ser utilizados como estratégias de enfrentamento e empoderamento para outras mulheres que se identifiquem.

Sua participação é voluntária, não há pagamento por sua colaboração. Garantimos o direito de se recusar a responder qualquer questão que lhe proporcione constrangimento, podendo desistir da pesquisa, a qualquer momento e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Todas as despesas relacionados diretamente ao projeto de pesquisa (tais como: passagem para o local da pesquisa ou alimentação no local de realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na **Universidade de Brasília**, podendo ser publicado posteriormente. Os dados coletados serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um tempo de cinco anos, depois serão destruídas.

Qualquer dúvida em relação a pesquisa, por favor telefone para a Universidade de Brasília, (61) 33770615 ou (61) 91640758 e procure por: Josenaide Engracia dos Santos, no horário de 08 as 17 horas ou escreva para: **josenaidepsi@gmail.com**.

Caso concorde em participar, peço que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e outra será sua.

---

Nome/ Assinatura

---

Pesquisador responsável

Nome/ Assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PERSPECTIVA DO CUIDADO DE SI DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS

**Pesquisador:** JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 93576518.1.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Ciências Humanas/UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.927.031

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um trabalho em ciências sociais da saúde, que permite a aproximação com as vivências e subjetividades sem necessariamente proporcionar respostas objetivas, mas reflexões sobre os modos em que contextos sociais constroem singularidades, em especial de mulheres negras militantes. O método utilizado é biográfico. Dez trabalhadoras domésticas do Distrito Federal, que se autodeclararam negras, da região de Brasília. Maior de 18 anos e que tem mais de um ano em trabalho doméstico. Para a coleta de dados, será utilizada uma entrevista semiestruturada. A análise de dados será reconstrutiva significa que o objetivo da reconstrução e decodificar tanto o significado da experiência biográfica vivida no passado quanto o significado da apresentação realizada no presente. Para a coleta de dados, será utilizada entrevista semiestruturada. A entrevista se compõe de dois núcleos: um para a identificação dos entrevistados e outro, para as questões norteadoras. Durante a entrevista, as perguntas visarão a provocar o diálogo. Para se obter uma narrativa natural, muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas levar o pesquisado a relembrar parte de sua vida. Para tanto, o pesquisador pode muito bem ir provocando sua memória (BOURDIEU, 2002). As entrevistas serão despadronizadas e não estruturadas, não existindo rigidez no roteiro. Tendo potencial em explorar amplamente as questões (GIL, 1991).

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)

**Bairro:** ASA NORTE

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3107-1592

**E-mail:** cep\_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.927.031

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primario:

Compreender o cuidado de si na perspectiva de trabalhadoras domesticas negras

Objetivo Secundario:

- Nomear o cuidado de si na perspectiva das trabalhadoras domesticas negras
- Descrever o cuidado de si na perspectiva das trabalhadoras domesticas negras
- Explicar o cuidado de si na perspectiva das trabalhadoras domesticas negras

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresenta e discute os riscos tanto no projeto como na carta de revisão ética. Apresentou como alternativa para minimizar os riscos o próprio suporte inicial que o pesquisador pode realizar por ser psicólogo e, quando necessário, encaminhamento para serviços de psicologia (não especifica qual).

"Riscos:

Os riscos estao relacionados ao conteudo, assunto que podem provocar constrangimento, invasao de privacidade, fortes emocoos, ansiedade e receio, a forma de minimiza-los sera por meio da compreensao previa de todos os participantes da pesquisa acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, assim como serao revistas criteriosamente as questoes que possam trazer algum tipo de incomodo aos participantes.

Benefícios:

Estara contribuindo para aprofundamento e compreensao do fenomeno social do cuidado das trabalhadoras domesticas."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O estudo em questao pretende descrever e explicar a perspectiva de trabalhadoras domesticas negras sobre o cuidado de si. Entendendo o cuidado para consigo mesmo, em um paradigma da simultaneidade. a pesquisa traz como hipótese que "A ocupacao de trabalhadoras domesticas imprime um cuidado aos seus empregadores , mas apresenta uma relacao entre a carga de trabalho e desgastes fisicos e psicicos entre as trabalhadoras domesticas que nao se cuidam." Para a coleta de dados, sera utilizada uma entrevista semiestruturada. A entrevista se compora de dois nucleos: um para a identificacao dos entrevistados e outro, para as questoes norteadoras. Durante a entrevista, as perguntas visavam a provocar o dialogo. As entrevista serao despadronizada e nao estruturada.

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** csp\_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.927.031

sobre o convite para participar: convidarão dez trabalhadoras domésticas do Distrito Federal, que se autodeclararam negras, da região de Brasília, maiores de 18 anos e que tem mais de um ano em trabalho doméstico. O convite para participar da pesquisa será realizado pela aluna de graduação que conhece várias trabalhadoras domésticas, pois sua mãe também é trabalhadora doméstica.

obs: objetivos e método descrito adequadamente.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados todos os termos de apresentação obrigatória não havendo pendências nesse sentido.

**Recomendações:**

Apesar de não indicar qual instituição de psicologia poderia ser utilizada para encaminhar as mulheres em caso de percepção de necessidade, o acolhimento e cuidados apresentados como estratégia para minimizar os riscos já correspondem a uma resposta ética e de cuidado com a população pesquisada. Entretanto, recomendamos que verifique serviços de psicologia que poderiam ser utilizados em caso de necessidade de encaminhar para atendimento e as formas de encaminhamento possíveis.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto de acordo com as Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1093344.pdf	09/07/2018 13:29:31		Aceito
Outros	instrumentodecoletadedados.docx	24/06/2018 19:07:42	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Josenaide.pdf	24/06/2018 19:06:36	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	CRONOGRAMA1.docx	24/06/2018 19:06:16	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projetojunho.pdf	24/06/2018 19:03:32	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.927.031

Investigador	Projetojunho.pdf	24/06/2018 19:03:32	SANTOS	Aceito
Outros	cepCHScartadencaminhamento.pdf	24/06/2018 19:02:38	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	cartaaceite.pdf	24/06/2018 19:01:10	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Outros	cartarevisaoetica.docx	24/06/2018 19:00:44	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cepihmodelotcle.docx	24/06/2018 19:00:12	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	24/06/2018 18:58:31	JOSENAIDE ENGRACIA DOS SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 28 de Setembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Érica Quinaglia Silva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br